

MORRO DA GARÇA

GEOLOGIA E A VISÃO MÍSTICA DE GUIMARÃES ROSA NO CENTRO GEODÉSICO DE MINAS GERAIS

Mario Luiz de Sá Carneiro Chaves¹

Leila Benitez²

Kerley Wanderson Andrade²

Ítalo Meneghetti Filho³



Figura 1: Vista geral do morro da Garça isolado na paisagem plana do cerrado (foto obtida de nordeste para sudoeste, em época de estiagem).

RESUMO

O morro da Garça encontra-se no município homônimo, localizado no centro geodésico de Minas Gerais. Constitui uma feição geomorfológica circular ressaltada na planura do cerrado, que tem servido ao longo dos últimos séculos como guia de referência para viajantes. Em termos geológicos, essa região é recoberta por litotipos do Grupo Bambuí, datados no Neoproterozóico. Na parte mais arrasada do relevo, predominam as formações Lagoa do Jacaré e Serra da Saudade, com as camadas dispostas sub-horizalmente. No morro em si, levantamento de detalhe permitiu reconhecer uma seqüência pelito-arenosa que define uma transição entre as formações Serra da Saudade e Três Marias. O topo do morro é sustentado por cerca de 60 m de arenitos impuros da Formação Três Marias, no cume bastante recristalizados; situação geológica peculiar que permitiu essa feição morfológica ser preservada como um testemunho na paisagem. Ressalta-se ainda o fato de que, no conto “O recado do morro”, da obra de Guimarães Rosa, o morro da Garça assume papel de destaque, ao enviar mensagem de morte à personagem principal do conto, captada por um visionário sertanejo e afinal percebida a tempo por tal personagem. A beleza poética do conto, juntamente com a importância cultural da obra desse

escritor, fez com que a população da cidade de Morro da Garça se mobilizasse em prol desse sítio geológico, que está sendo atualmente explorado de diversas formas no âmbito do turismo geocultural.
Palavras-chaves: Morro da Garça; Grupo Bambuí; Guimarães Rosa; Minas Gerais.

ABSTRACT

THE GARÇA'S HILL: GEOLOGY AND MYSTIC VIEW BY GUIMARAES ROSA IN THE GEODESIC CENTER OF MINAS GERAIS. The Garça's hill is located in the Morro da Garça county, on the geodesic center of Minas Gerais State. It is a geomorphological circular feature salient on the plain of the savannah, that has been used at the last centuries as a reference guide to the travelers. Concerning on the geological aspects, this region is cover by the Bambuí Group rocks, of Neoproterozoic age. In the most eroded part of the relief, occurs the Lagoa do Jacaré and the Serra da Saudade formations (individed), with the layers sub-horizontally disposed. A detail survey in the hill, allowed to recognize a pelite-carbonatic sequence what determine a transition between the Serra da Saudade and Três Marias formations. The highest part of the hill is supported by about 60 m of the Três Marias Formation, that consists of a very cristallized impure sandstone in the peak. This peculiar geological situation conditioned the preservation of the hill as a testimony in the landscape. One important fact further is that in the short story "O recado do morro" (The message of the hill) by Guimarães Rosa, the Garças's hill has a prominence role, when emits one message about the death of the principal character of the short story, received by a visionary inlander man and agreed at last in time by this character. The poetic beauty of this story, associated with the cultural importance of the writer's work, mobilized the city of Morro da Garça in consideration of this geological site, which is being explored nowadays of several manners in ambit of the geocultural tourism.

Key words: Garça's hill; Bambui Group; Guimarães Rosa; Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

O morro da Garça (Figura 1) constitui uma estrutura de morfologia circular de 1,6 km de diâmetro, realçada cerca de 350 m acima de uma região extremamente plana no centro-norte de Minas Gerais. Ao sopé de tal feição marcante na paisagem desenvolveu-se a cidade de Morro da Garça. Essa localidade ganhou notoriedade nacional quando, no conto "O Recado do Morro", João Guimarães Rosa deixou mais uma de suas obras imortais em prosa. No conto, retrata-se a percepção de um visionário sertanejo que julga ter recebido uma mensagem do morro da Garça (Guimarães Rosa, 1956). Pela percepção rosiana, o morro redondo e isolado na paisagem plana e agreste do cerrado mineiro, tal qual um cone vulcânico, teria poderes mágicos. Desde então o morro e a cidade homônima, já conhecidos como pontos de referência para os viajantes, ganharam também relevância no meio cultural brasileiro. Nesse contexto, por suas peculiaridades geológicas e geomorfológicas, aliadas à obra de Guimarães Rosa que destacaram o morro da Garça como uma espécie de cartão postal da região, considera-se tal feição como de notável relevância nacional, o que a habilita a ser apresentada como um sítio geológico brasileiro.

LOCALIZAÇÃO

A cidade de Morro da Garça dista cerca de 200 km de Belo Horizonte, na região centro-norte de Minas Gerais (Figura 2), estando localizada no centro geodésico de Minas Gerais. O acesso à mesma se dá, desde a capital, inicialmente pela Rodovia BR-040 (Rio-Brasília) até o entroncamento de São José da Lagoa, depois de Paraopeba, quando se toma a BR-135 passando por Curvelo. A cerca de 20 km desta cidade, uma estrada estadual à esquerda com 15 km de extensão faz a ligação para Morro da Garça. A chegada ao morro homônimo se dá preferencialmente a partir da cidade, por estrada encascalhada em boas condições de tráfego, situando-se a cerca de 2 km a sudoeste da mesma. A subida ao cume é facilitada por estrada de terra mal conservada, que dá acesso a torre de TV e cruzeiro localizados naquele local.

BREVE HISTÓRICO E RELAÇÃO COM A LITERATURA ROSIANA

O povoamento de Morro da Garça teve origem no início do século XVIII como caminho de boiadeiros, no circuito entre a Bahia até a vila de Sabará, no centro da então Província das Minas Gerais. A denominação do lugar deveu-se à existência de uma elevação rochosa, a mais elevada da região com cerca de 1.000 m de altitude, onde ao seu sopé ficava a Fazenda da Garça. Na imensidão plana do cerrado mineiro, esse morro serviu ao longo dos últimos três séculos como um guia para viajantes, tropeiros e "comitivas" de gado. Os viajantes faziam paradas de descanso na Fazenda da Garça, a última no caminho entre a Bahia e as minas de ouro de Sabará. Ao que parece, o arraial se formou em torno da capela de Nossa Senhora das Maravilhas, construída em 1720 nas terras da referida fazenda.

A cidade foi emancipada somente em 1962, ao se desmembrar do município de Curvelo. Antes disso, porém, ela ganhou notoriedade nacional quando em maio de 1952, João Guimarães Rosa acompanhando uma comitiva de vaqueiros entre Três Marias e Araçá (guiada pelo célebre Manuelzão), ao avistar o morro, de longe, anota em sua caderneta de campo: "Vamos pelos altos. À esquerda o Morro da Garça. Belo!", ou ainda, "Sempre

à esquerda, o Morro da Garça – pirâmide rasa. Corcova de camelo, às vezes. Às vezes uma tartaruga. Escuro”. Provavelmente este não foi o primeiro encontro de Guimarães Rosa com o morro, pois, sendo natural de Cordisburgo, o mesmo pode ser avistado já a pequena distância desta cidade, tanto na estrada de terra como na de ferro, em direção à cidade de Curvelo.

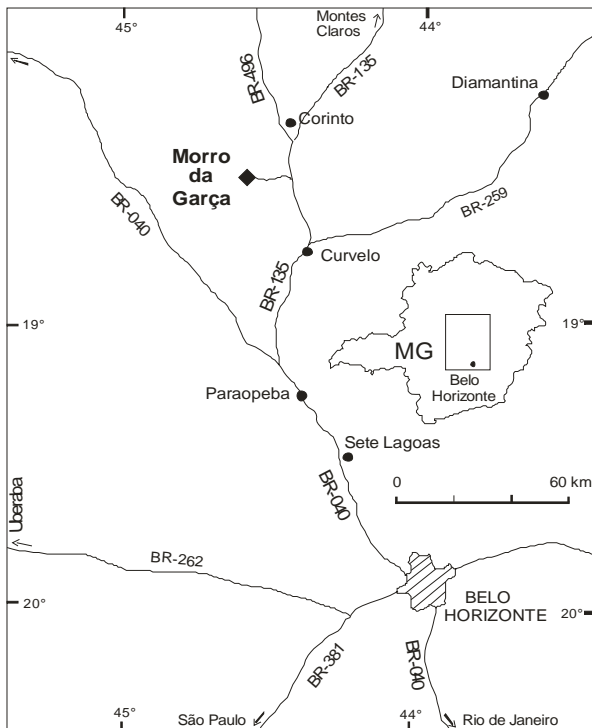


Figura 2: Mapa de localização e acesso à região de Morro da Garça (MG).

De qualquer modo, este foi o momento em que Rosa teve a mesma experiência dos viajantes que há mais de três séculos têm atravessado o sertão mineiro guiando-se pelo morro. A impressão registrada na caderneta do escritor tomou depois nova forma, aparecendo no ciclo de novelas *Corpo de Baile*, publicado em 1956 (posteriormente, em 1964/65 esse conjunto seria dividido em três livros: “Manuelzão e Miguilim”, “No Urubuquaquá, no Pinhém” e “Noites de Sertão”). No segundo livro, encontra-se “O Recado do Morro”, onde tal feição morfológica torna-se “belo como uma palavra” e porta-voz de um recado para a personagem principal, Pedro Orósio, guia de uma comitiva pelo sertão. À medida que a viagem avança, um aviso de morte à traição dado pelo morro vai passando de boca em boca através de personagens excêntricos, como videntes, loucos, fanáticos religiosos e um menino pobre de fazenda, até chegar ao músico Laudelim. Este, ao transformar a mensagem já corrompida, em uma canção, é percebida por Pedro Orósio, ainda a tempo de entender o aviso do morro sobre as intenções de seus falsos amigos.

DESCRIÇÃO DO SÍTIO

O sítio Morro da Garça apresenta importância não só pelo seu destaque físico na paisagem, que assim desperta a atenção dos viajantes regionais, como também pelas características geológicas e geomorfológicas peculiares que permitiram a preservação desta feição como um morro testemunho.

Contexto fisiográfico

A região de Morro da Garça está inserida no médio vale do Rio São Francisco, encontrando-se no setor conhecido como “Chapadões do Oeste Mineiro” (Menezes Filho *et al.*, 1977). A vegetação aí predominante é composta por campos cerrados, onde prevalecem processos morfogenéticos tropicais e mecânicos de ação moderada, característicos de áreas de savanas. Durante o Quaternário, ocorreram na área intensas variações climáticas, prevalecendo principalmente climas secos com chuvas torrenciais e irregulares, concentrada nos meses de novembro, dezembro e janeiro, que favoreceram a atuação do intemperismo mecânico nas rochas e transporte curto desses detritos formando colúvios. Como a cobertura vegetal não oferece uma proteção eficaz contra a ação erosiva, condiciona-se intenso escoamento superficial, movimentando o material já fragmentado após o longo período de estação seca. De modo geral a evolução do relevo nos campos cerrados possui certa regularidade. Nas encostas mais íngremes tal evolução se dá por coluvionamento e, nos terrenos mais suaves, a

infiltração favorece a decomposição química. Desse modo, as superfícies tendem a apresentar aplainamento, sendo o processo facilitado pela disposição estrutural das camadas sedimentares.

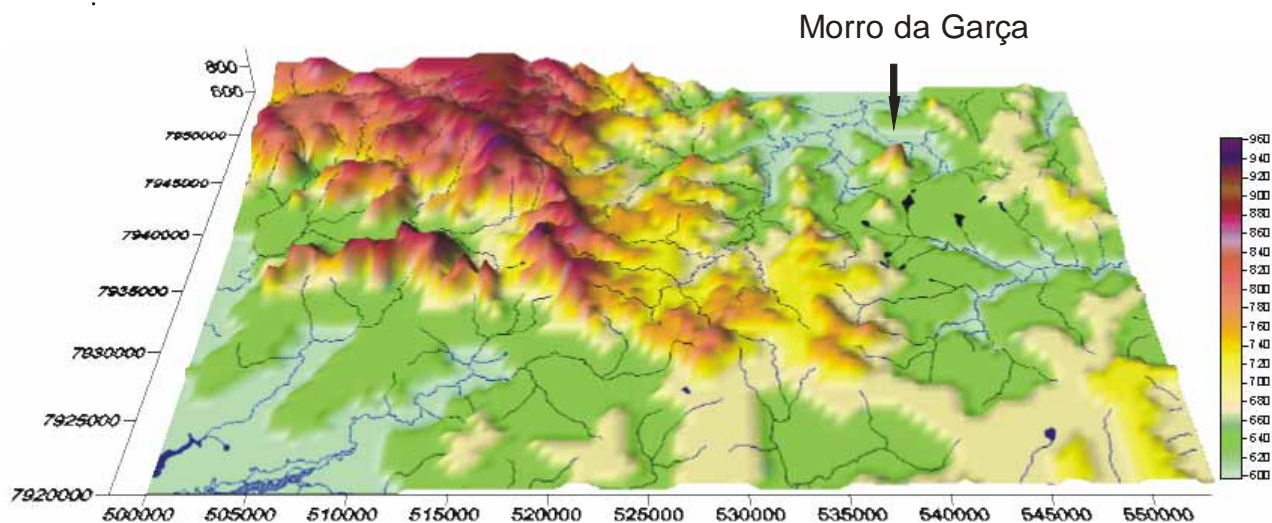


Figura 3: Modelo de elevação digital de terreno da região destacando-se no contexto, a nordeste, o morro da Garça. A noroeste, a feição ressaltada no relevo corresponde à Serra do Boiadeiro. Base – Folha Morro da Garça 1:100.000, DSG-Exército (aproximadamente a metade norte da folha).

Em toda essa porção do centro-norte mineiro, identifica-se facilmente o escalonamento de várias superfícies de erosão. A sucessão de tais níveis seria responsável pela evolução do relevo, com as primeiras observações a este respeito feitas por De Martone (1943, 1944) e resumidas por King (1956), onde foram determinadas diversas superfícies cíclicas regionais. Estudos retomados por Braun (1970), enfatizam que o ciclo “Sul-Americano” do Terciário Superior é o principal elemento formador da paisagem, e que foi somente a partir dessa superfície que o modelado atual foi esculpido. A região dos chapadões do oeste mineiro está nivelada no topo por tal superfície de erosão, que secciona rochas neoproterozóicas e cretácicas. Assim, na área em questão, coberturas indiferenciadas do Plioceno-Pleistoceno repousam sobre rochas do Grupo Bambuí, constituindo um solo espesso formado pela desintegração de tais rochas, o qual é capeado por depósitos coluvionares. No Grupo Bambuí, o relevo se diversifica ainda de acordo com as litologias, o que localmente condicionou extenso aplainamento. Desse modo, na fácies siltico-argilo-carbonática da seqüência Lagoa do Jacaré – Serra da Saudade, predominante na região, a morfologia arrasada do relevo contrasta com o morro da Garça, que atinge quase 1.000 m no topo, enquanto o município encontra-se a uma altitude de 600 m (Figura 3).

Geologia

Na região compreendida entre os municípios de Curvelo e Morro da Garça ocorrem principalmente sedimentos anquimetamorfizados pertencentes ao Grupo Bambuí (Supergrupo São Francisco), de idade neoproterozóica, além de coberturas detriticas quaternárias (Figura 4). Não existe qualquer estudo sobre a área em escala maior do que as regionais. Nesse sentido, o Projeto Três Marias, do consórcio DNPM/CPRM, levantou a região na escala 1:250.000, estando a área inserida na Folha Curvelo do mesmo (Menezes Filho *et al.*, 1977). De acordo com tais autores, o Grupo Bambuí foi subdividido segundo a proposta de Braun (1968), nas formações Paranoá, Paraopeba e Três Marias, da base para o topo, verificando-se na folha as duas últimas. Entretanto, posteriormente Dardenne (1978) questionou a validade regional para tal subdivisão, propondo a retomada dos conceitos originais de Branco & Costa (1961), os quais consideraram o grupo como integrado pelas formações Sete Lagoas, Lagoa do Jacaré, Serra da Saudade e Três Marias. Esse último conceito tem sido amplamente aceito até a atualidade, e será também utilizado no mapa e descrições geológicas apresentadas.

Através de perfil geológico de detalhe efetuado no morro da Garça, foi possível entender seu arcabouço geológico, que se encontra bem preservado neste local, bem como a própria razão de existência de tal morfologia. Em toda a seção os mergulhos são muito suaves, variando entre 5 e 10° para NW, tendo direções das camadas entre N30-40°E. Nos entornos e na base do morro, encontra-se um siltito amarelado em níveis tabulares com 5-10 cm de espessura, às vezes com microlaminações internas que dão à rocha um aspecto de ritmito (Figura 5). Subindo na seção, essas laminações desaparecem até que, na parte superior da seqüência, ocorrem intercalados aos siltitos lentes de uma rocha cinza-escura de aparência calcária, de granulometria muito fina e estrutura maciça, inicialmente em bancos centimétricos que vão aumentando de modo gradual para o topo, até atingirem o porte de alguns metros (Figura 6). Tal rocha, estudada petrograficamente, foi identificada como

um siltito calcífero (70% mica; 20% carbonato; 10% quartzo) e a espessura total dessa seqüência oscila em torno de 120 m. Entretanto, acima ocorre a repetição de um outro ciclo de siltitos laminados com siltitos calcíferos (maciços) no topo, este último mais delgado, com cerca de 70 m.

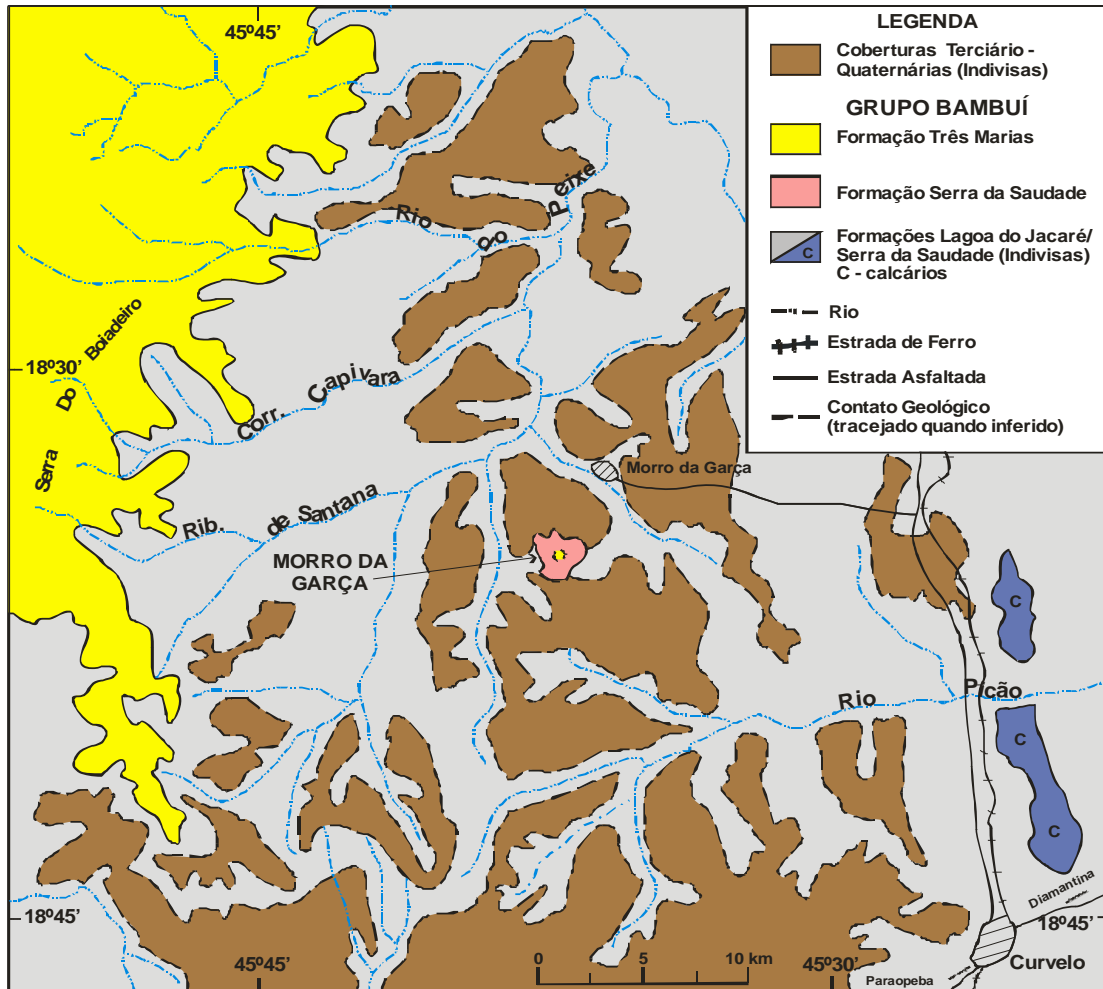


Figura 4: Geologia da região centralizada pelo Morro da Garça (parcial e modificado de Menezes Filho *et al.*, 1977).



Figura 5: Siltito pertencente à Formação Serra da Saudade, estratificado em níveis centimétricos, que aflora nas porções mais baixas do morro da Garça.

Na parte superior do perfil, afloram arenitos amarelados ou esverdeados, impuros, apresentando 40 m de espessura, os quais são seguidos, sustentando o cume do morro, por 20 m de uma rocha muito dura, silicificada, que análise microscópica revelou ser também um siltito calcífero, embora de granulometria fina a média e teor em carbonato mais baixo ($\approx 5\%$). De modo preliminar, correlaciona-se a seção basal do perfil (incluindo os entornos do morro) com a porção superior da Formação Serra da Saudade, a qual em outras

regiões mais ao norte apresenta aspectos muito semelhantes (Chiavegatto & Dardenne, 1997; Chiavegatto *et al.*, 1997). O topo do perfil, com 60 m de espessura, é correlacionado à Formação Três Marias, a qual, na Serra do Boiadeiro (a oeste), passa a sustentar o relevo. A figura 7 apresenta a coluna estratigráfica do Grupo Bambuí levantada em detalhe na área do Morro da Garça.



Figura 6: Contato entre siltito sobreposto por nível (lenticular) de siltito calcífero (até 30% de carbonato). Esses níveis passam a ser mais espessos e abundantes em direção ao topo do perfil.

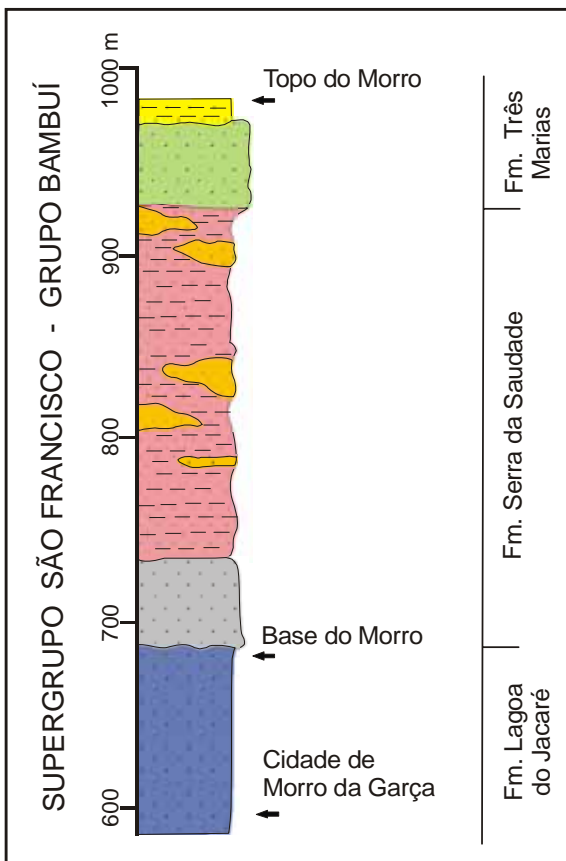


Figura 7: Coluna estratigráfica de detalhe do Grupo Bambuí na área do morro da Garça (Morro da Garça, MG).

Evolução da Paisagem

A evolução da paisagem onde o morro da Garça é a maior elevação preservada por toda uma grande extensão plana, pode ser entendida pela constituição litológica regional. Enquanto os processos erosivos atuaram ativamente sobre unidades mais friáveis, as partes residuais oriundas de rochas mais resistentes, por conseguinte, foram menos atacadas pela erosão. Neste contexto, inclui-se tal morro, constituído na base por uma fácies silto-areno-carbonática provavelmente da Formação Serra da Saudade. Tal fácies, de topo da referida formação, deve corresponder a uma transição para a Formação Três Marias (conforme observações em regiões mais ao norte), constituindo localmente uma unidade mais tectonizada e assim apresentando rochas com mais alto grau de recristalização. Nas encostas da escarpa afloram siltitos e arenitos finos de coloração escura, desta transição Serra da Saudade – Três Marias. O topo do morro da Garça é sustentado pela Formação Três Marias *sensu stricto* onde ocorre um arenito típico da unidade, impuro e de coloração esverdeada, também bastante silicificado. Deste modo, na área enfocada a Formação Três Marias aflora somente neste local e, sem dúvidas, constitui fator imprescindível para que o morro tenha permanecido como uma estrutura morfológica remanescente, que se destaca em meio à paisagem completamente arrasada dos arredores. Em épocas chuvosas, o crescimento preferencial da vegetação nas encostas do morro, faz com que seu topo arenítico seja realçado (Figura 8), o que não se observa com tal nitidez na estação seca (Figura 1).



Figura 8: Imagem do morro da Garça a partir da cidade homônima, durante a estação chuvosa, quando a exposição do cume torna-se melhor visualizada pelo crescimento diferenciado da vegetação, que nessa parte mais é escassa (Foto Flavia Ayer – Projeto Manuelzão, UFMG).

MEDIDAS DE PROTEÇÃO

A cidade de Morro da Garça (Figura 9) faz parte do Circuito Turístico João Guimarães Rosa, certificado pela Secretaria Estadual de Turismo. Tal circuito é integrado por municípios do sertão mineiro que possuem forte representatividade na obra e vida rosiana, destacando-se Araçá, Cordisburgo, Corinto, Curvelo, Morro da Garça, Lassance e Três Marias. A cidade conta ainda com um casario antigo datado do século XIX, em parte conservado, como a Creche Tia Noca (tombada em 2002), onde se pretende implantar a “Casa da Cultura do Sertão”, pólo aglutinador das manifestações artísticas regionais. Em 2004, a motivação turística do morro da Garça levou um grupo composto por pesquisadores da Universidade de São Paulo, a viajar pelo sertão mineiro a fim de conhecer as paisagens descritas pelo escritor. Dessa viagem surgiu a proposta do projeto “Guimarães Rosa: Lugares”, já desenvolvido na própria cidade com o apoio da Petrobrás. O projeto parte da reflexão sobre a obra de Guimarães Rosa e dos espaços geográficos que esta aborda, pretendendo-se criar, na cidade, um lugar de convívio entre pessoas de diferentes faixas etárias, dos meios rural e urbano, estimulando-as a discutir sobre os conceitos de patrimônios material e imaterial, natural e construído, bem como formas de preservações das mesmas.

O morro encontra-se em terreno particular, e a estrada de acesso ao topo possui porteira com cadeado freqüentemente aberto. Essa facilidade de acesso tem feito com que visitas ao local estejam ocorrendo de modo desordenado, o que tem ocasionado depredações ao acervo natural e até mesmo o despejo de lixo e pneus usados. Não cabe aqui uma elaboração descritiva das medidas de proteção ao patrimônio em pauta, uma vez que projetos, oriundos de iniciativas diversas pretendam desenvolvê-las especificamente (como de fato já está acontecendo na cidade). Contudo, medidas em sentido amplo e norteador devem ser tomadas com objetivo de preservar tal espaço como referência geocultural, dentro de uma perspectiva educativa a fim de que as pessoas possam compreender a importância espacial do lugar, partindo de informações geológicas, geomorfológicas,

geográficas, históricas, sociológicas, antropológicas, literárias, ecoturísticas etc., dando margem a um estreito relacionamento entre ambiente e cultura, como exemplo de que é possível conciliar atividade geológica e literária, a partir do substrato e história dos lugares, produzindo conhecimento além de atrair divisas, ao criar oportunidades para a população local.

Logo, medidas de proteção ao sítio devem passar por campanhas educativas, de natureza cultural e ambiental, envolvendo a população local, sobretudo o seu segmento em idade escolar dos ensinos fundamental e médio, de modo que o patrimônio geocultural proposto seja assimilado na cultura regional. Porém, somando-se às ações educativas envolvendo a população local, deve-se também trabalhar na conscientização do pessoal visitante, que ocorre ao lugar por curiosidade, aventura, estudo, pesquisa, turismo, ou mesmo simples lazer, que se não disciplinadas podem ser lesivas ao patrimônio ambiental. Para tal é necessário esforço conjunto entre os poderes públicos municipal, estadual e federal, articulados a instituições como ONGs e a iniciativa privada, viabilizando administrativa e economicamente ações capazes de intervir positivamente e contribuir para a construção de um cenário futuro favorável ao sítio na relação com suas populações local e visitante. Projetos como o “Guimarães Rosa: Lugares” ilustram tais possibilidades interativas, criando oportunidades de integração cultural, numa sinergia adequada e necessária para o manejo do patrimônio e os seus valores em jogo.



Figura 9: Vista da cidade de Morro da Garça a partir do cume do morro, realçando a planura da paisagem da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Braun, O.P.G. 1968. Contribuição à geologia do Grupo Bambuí. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 22, *Anais do...*, Belo Horizonte, p.155-166.
- Braun, O.P.G. 1970. Contribuição à geomorfologia do Brasil Central. *Revista Brasileira de Geografia*, **32**:3-39.
- Branco, J.J.R.; Costa, M.T. 1961. *Roteiro da excursão Belo Horizonte – Brasília*. Belo Horizonte, UFMG - Instituto de Pesquisas Radioativas, Public. 15, 25p.
- Chiavegatto, J.R.S.; Dardenne, M.A. 1997. Contribuição à sedimentologia e estratigrafia do Grupo Bambuí no norte de Minas Gerais. In: Simpósio de Geologia de Minas Gerais, 9, *Anais do...*, Belo Horizonte, p.81-82.
- Chiavegatto, J.R.S.; Gomes, N.S.; Dardenne, M.A. 1997. Conglomerados oligomíticos da Formação Três Marias na Serra do Gorotuba, norte de Minas Gerais. In: Simpósio de Geologia de Minas Gerais, 9, *Anais do...*, Belo Horizonte, p.83-84.
- Dardenne, M.A. 1978. Síntese sobre a estratigrafia do Grupo Bambuí no Brasil Central. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 30, *Anais do...*, Recife, v.2, p.597-610.
- De Martone, E. 1943. Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico. *Revista Brasileira de Geografia*, **5**:523-550.
- De Martone, E. 1944. Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico. *Revista Brasileira de Geografia*, **6**:155-178.
- Guimarães Rosa, J. 1956. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro, Ed. José Olímpio, 513p.
- King, L.C. 1956. A geomorfologia do Brasil Oriental. *Revista Brasileira de Geografia*, **18**:147-265.
- Menezes Filho, N.R.; Mattos, G.M.M.; Ferrari, P.G. 1977. *Projeto Três Marias*. Belo Horizonte, Convênio DNPM/CPRM, Relatório Final, vol.1, 546p.

¹ Centro de Pesquisas Prof. Manoel Teixeira da Costa, Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos 6627. Belo Horizonte – MG. CEP 31.270-901. Pesquisador CNPq.
E-mail: mchaves@igc.ufmg.br.

² Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos 6627. Belo Horizonte – MG. CEP 31.270-901.
E-mails: leilabenitez@gmail.com,
kwandrade@yahoo.com.br.

³ Faculdades Integradas de Ribeirão Pires. Rua Coronel Oliveira Lima 3345. Ribeirão Pires – SP. CEP 09.404-000. E-mail:
italo_bruno@terra.com.br.